

Democratização do acesso ao conhecimento e os desafios da reconfiguração social para estudantes e docentes

Democratizing access to knowledge and the challenges of social reconfiguration for students and teachers

La democratización del acceso al conocimiento y los retos del reconfiguración social para los estudiantes y profesores

Wilsa Maria Ramos¹, Maristela Rossato²

Universidade de Brasília, UnB, Brasília-DF, Brasil

Resumo

O uso da internet e das mídias sociais têm se constituído uma ferramenta de construção das relações sociais, implicando novas formas de aprendizagem e de democratização do acesso ao conhecimento. O artigo tem por objetivo refletir sobre a democratização do acesso ao conhecimento e os desafios impostos pela reconfiguração social a partir do uso intensivo da internet. Pretende, também, problematizar o uso da web para a aprendizagem e o desenvolvimento humano de estudantes e professores do ensino superior no século XXI. O momento de mudanças nos processos sociais e educacionais é propício à reflexão crítica proposta, embora não se tenha a intenção de esgotar a discussão. As reconfigurações sociais caminham em paralelo à democratização do acesso ao conhecimento. O acesso ao conhecimento não basta a si mesmo: é preciso que esteja a serviço da aprendizagem e do desenvolvimento dos indivíduos, via práticas pedagógicas. No processo educativo, a ruptura do legado da escola tradicional e a instauração da abertura do *campus* de cimento e concreto para o *campus* virtual, favorecerá a integração comunidade acadêmica a outras comunidades virtuais, abertas, para o exercício democrático de outras práticas e formas de comunicação docente.

Palavras-chave: Democratização do acesso. Reconfiguração social. Mídias sociais. Perfil do estudante universitário.

Abstract

The use of the internet and social media has become a tool for building social relations, implying new forms of learning and democratization of access to knowledge. The article aims to reflect on the democratization of access to knowledge and the challenges imposed by social reconfiguration from the intensive use of the internet. It also aims to problematize the use of the web for the learning and human development of students and teachers of higher education in the 21st Century. The moment of changes in social and educational processes is conducive to proposed critical reflection although it is not intended to exhaust the discussion.

¹ Professora Adjunta da Universidade de Brasília. Pós-doutorado em Psicologia realizado na Universitat de Barcelona. Doutorado em Psicologia e mestrado em Administração de Recursos Humanos. Temas de pesquisa: Evasão e persistência na EaD, perfis e padrões de participação dos estudantes, uso das novas tecnologias e formação docente. E-mail: ramos.wilsa@gmail.com

² Professora Adjunta da Universidade de Brasília. Doutora em Educação. Pesquisa temas: desenvolvimento da subjetividade, processos de ensino e aprendizagem, dificuldades de aprendizagem escolar, formação de professores, novas tecnologias de comunicação e informação. E-mail: maristelarossato@gmail.com

Social reconfigurations run parallel to the democratization of access to knowledge. Access to knowledge is not enough for itself: it must be at the service of learning and development of individuals through pedagogical practices. In the educational process, the rupture of the legacy of the traditional school and the opening of the campus of cement and concrete for the virtual campus, will favor the integration of academic community with other virtual communities, open for the democratic exercise of other practices and forms of teacher's communication.

Keywords: Democratization of access. Social reconfiguration. Social media. Profile graduate school student.

Resumen

El uso de Internet y de los medios sociales se ha constituido una herramienta de construcción de las relaciones sociales, implicando nuevas formas de aprendizaje y de la democratización del acceso al conocimiento. El artículo tiene por objetivo reflexionar sobre la democratización del acceso al conocimiento y los desafíos impuestos por la reconfiguración social a partir del uso intensivo de Internet. También pretende problematizar el uso de la web para el aprendizaje y el desarrollo humano de estudiantes y profesores de enseñanza superior en el siglo XXI. El momento de cambios en los procesos sociales y educativos es propicio a la reflexión crítica propuesta aunque no se tenga la intención de agotar la discusión. Las reconfiguraciones sociales caminan en paralelo a la democratización del acceso al conocimiento. El acceso al conocimiento no basta a sí mismo: es necesario que esté al servicio del aprendizaje y del desarrollo de los individuos, a través de prácticas pedagógicas. En el proceso educativo, la ruptura del legado de la escuela tradicional y la instauración de la apertura del campus de cemento y concreto al campus virtual, favorecerá la integración comunidad académica a otras comunidades virtuales abiertas para el ejercicio democrático de otras prácticas y formas del comunicación docente.

Palabras clave: Democratización del acceso. Reconfiguración social. Redes sociales. Estudiante universitario perfil.

Introdução

Vivemos uma era de mudanças rápidas advindas do desenvolvimento das tecnologias digitais que trazem novas e diferentes interfaces e interações entre pessoas na sociedade. No presente artigo, as autoras têm por objetivo refletir sobre a democratização do acesso ao conhecimento e os desafios impostos pela reconfiguração social a partir do uso intensivo da internet. Pretendem, também, problematizar o uso da web para a aprendizagem e o desenvolvimento humano de estudantes e professores do ensino superior no século XXI. O momento de mudanças nos processos sociais e educacionais é propício à reflexão crítica proposta, embora não tenhamos a intenção de esgotar a discussão.

O desenvolvimento das novas tecnologias da informação e comunicação tem resultado em uma reconfiguração social que reflete novas formas de fazer a história da humanidade, caracterizada por polifonia, múltiplas mãos e a coconstrução de sentidos e significados compartilhados socialmente nas mídias sociais, na cibercultura.

As mídias sociais, para Selwyn (2011, s/np) estão relacionadas à socialização em massa, como podemos ver a seguir:

Estas são aplicações da internet que dependem do compartilhamento de conteúdos digitais abertos que são criados, criticados e reconfigurados por uma grande massa de usuários. As aplicações da mídia social, portanto, permitem que os usuários conversem e interajam uns com os outros; para criar, editar e compartilhar novas formas de conteúdo textual, visual e de áudio; e permitem categorizar, rotular e recomendar outras formas existentes de conteúdo. Talvez a característica-chave de todas as práticas das mídias sociais seja a “socialização em massa” - ou seja, aproveita o poder das ações coletivas das comunidades de usuários on-line em vez de usuários individuais.

Entre as mídias sociais mais conhecidas no Brasil incluem-se os aplicativos Facebook, Twitter, Youtube e Wikipedia. Em cada país, são adotadas as mídias que atendem a valores e hábitos culturais da população. Selwyn (2011) também destaca que o crescimento das mídias sociais nos últimos anos tem transformado as formas pelas quais a internet é vivenciada pela maioria dos usuários finais. A internet 2.0 modificou o uso individualizado e a ação distributiva e receptiva para uma ação participativa e coletiva. Termos como: colaboração, cooperação, convívio e criatividade são aplicáveis à web 2.0. Esses aplicativos também são vistos como recursos abertos, onde o usuário define sua forma de uso e o modela para a comunidade, e não o contrário. Selwyn (2011), diferentemente de outros autores, usa o termo mídia social como um guarda-chuva que abriga os aplicativos da web. As mídias sociais incluem as ferramentas web denominadas redes sociais, que permitem que os “relacionamentos sociais ocorram virtualmente, sem desconsiderar os indivíduos que as manipulam” (JULIANI et al., 2012, p.II).

Há outras acepções relacionadas ao conceito de mídias sociais que se aproximam do conceito de Selwyn (2011), a exemplo da web social. Para Zapata-Ros (2014, p. 4), a web 2.0, ou como ele mesmo menciona, a web social inclui “todos os serviços em que não há diferenciação entre autor e usuário”. O fato de não haver mediação e dependência do usuário como especialista em computação é o grande marco inovador. Além disso, os usuários podem interagir de forma intuitiva, aberta, direta, simples, imediata, simultaneamente ou assincronamente e compartilhar diversos recursos em distintas linguagens multimidiáticas. Portanto, os traços que definem a web social são: participação, interação e autonomia.

Zapata-Ros (2014) traz como sinônimo de web social o termo software social. Para ele, os autores Suter, Alexander e Kaplan (2005, online), são os que melhor definem software social: “ferramenta a serviço do homem que tem como função o aumento das capacidades humanas e das possibilidades de colaboração social; a criação de redes sociais e a troca de informações”. Para Coates (2003, online, apud SUTER; ALEXANDER; KAPLAN, 2005, p. 48), as mídias sociais favorecem a criação de uma ecologia humana por organizar “sistema de pessoas, práticas, valores e tecnologias em um único ambiente”. Para Suter, Alexander e Kaplan (2005, p. 50):

O movimento de software social reacende nosso pensamento sobre as características de socialização dos espaços virtuais, que deixam de ser jornadas individuais em conteúdos isolados e surgem como zonas para o compartilhamento de informações, colaboração, exploração e processo de comunidade alargada. Neste sentido, o software suporta uma sensação de presença social, bem como local.

Esses autores (SELWYN, 2011; ZAPATA-ROS, 2014; SUTER; ALEXANDER; KAPLAN, 2005) usam terminologias diferentes (mídias sociais, web social e software social) para conceituar o mesmo objeto: as ferramentas da internet para uso social. No artigo usamos o termo mídias sociais como conceituado por Selwyn (2011) e o termo rede social como um de seus aplicativos.

A reconfiguração social é resultado do desenvolvimento acirrado que as tecnologias têm imposto à sociedade nas últimas três décadas, e mais especificamente, a partir de 2003, com a utilização exacerbada das mídias sociais (SELWYN, 2008) que modificam os padrões de comunicação e interação social. Mensagens de texto em aplicativos para a telefonia móvel tornaram-se os recursos de comunicação mais usados. A comunicação pode ocorrer para milhares de manifestantes em uma avenida enquanto, simultaneamente, produzem conteúdo em vários formatos (vídeos, imagens e textos) e publicam na internet, caracterizando o que Lévy (1999), já na década de 1990, denominou como ciberespaço. Para o autor, o termo ciberespaço e cibercultura refletem:

[...] não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 17).

As mudanças de comportamentos, formas de comunicação e interação têm promovido a revolução tecnológica mais significativa na educação desde a mudança do ensino baseada na oralidade para o ensino baseado na imprensa e no livro (SELWYN, 2008; ARETIO, 1996; KELLNER; SHARE, 2008). Como argumenta Lévy (1999), essas dinâmicas implicam seriamente em uma nova relação que o homem estabelece com o saber que está imerso na cibercultura.

O universo da cibercultura exige dos educadores um repensar sobre as formas de apropriação dessas tecnologias, em todos os setores e, especialmente, no ensino superior. No Brasil, o Governo Federal tem investido em distintas formas de expansão da oferta de vagas nos cursos superiores em programas com o foco na democratização do acesso - como o Reuni (Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) e o Programa Universidade Aberta do Brasil (UAB). Particularmente, a UAB, criada em 2006, por meio do Decreto 5.800, instituiu um sistema de ensino a distância baseado na articulação entre as instituições públicas de ensino superior e os governos municipais e estaduais visando fomentar a oferta de cursos superiores em todo o território nacional. Essa articulação proporcionou uma série de movimentos rumo à institucionalização desta modalidade de ensino pelas universidades públicas presenciais, resultando na configuração de sistemas de ensino bimodal e híbrido. Vários pesquisadores apontam que o Programa UAB tem sido indutor da revisão e criação de novas formas de organização pedagógica e metodológica para acolher as especificidades e exigências da modalidade educação a distância (RAMOS; LAZARTE, 2007; RAMOS; MEDEIROS, 2009; ALONSO, 2010; PIMENTEL, 2013).

O uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC) tem o potencial para a ampliação dos processos comunicacionais e interacionais, por meio de recursos audiovisuais e imagéticos, das ferramentas síncronas e assíncronas, mudando

culturalmente os padrões de comportamento, de relacionamento e de valores. Como as Universidades têm lidado com a gestão do conhecimento baseado na incorporação do uso das TIC nos processos formativos?

É fato que a internet possibilita a ampliação do acesso ao conhecimento acumulado ao longo da história da humanidade e, ao mesmo tempo, proporciona o compartilhamento imediato e instantâneo de tudo que se produz em tempo real. Neste sentido, perguntamos: em que medida essas novas práticas de socialização e modos de alfabetização digital têm impactado nas formas de ensino e aprendizagem praticadas no ensino superior?

Apresentamos, a seguir, uma discussão sobre a internet e seu potencial de democratização do acesso ao conhecimento, o perfil social de aprendizagem dos estudantes universitários do século XXI e as possibilidades de reconfiguração do processo de ensino e aprendizagem no ensino superior.

A internet e o potencial de democratização do acesso ao conhecimento

Atualmente, assistimos no cotidiano das pessoas, nas famílias, no trabalho, no lazer, o acesso intenso e frequente à internet. No Brasil, o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) e o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) apresentaram os últimos resultados da nona edição da pesquisa TIC Domicílios referente ao período 2013/2014 que aponta que, pela primeira vez, mais da metade dos brasileiros foram classificados como usuários de internet (BARBOSA, 2014). O número bruto de usuários da internet no Brasil chegou a 85,9 milhões, o que significa que 58% da população já acessou a internet pelo menos uma vez na vida e somente 42%, nunca acessaram. Os usuários são oriundos de todas as gerações, embora, a maioria, seja de jovens de 10 a 15 anos (75%). O acesso à internet, por meio de celulares, é feito por 42,5 milhões de brasileiros. Outro dado encontrado confirma que 51% dos entrevistados haviam acessado a internet nos últimos três meses, atestando um padrão internacional de uso.

A transformação do cotidiano tem sido registrada pela massificação de pessoas conectadas, produzindo *selfies*, usando a internet para enviar e receber mensagens instantâneas, conectando-se com os amigos, vendo as novidades no Facebook ou postando um vídeo protagonizado pela árvore de seu quintal que floriu ou deu frutos.

Navegar, navegar e navegar. A natureza não equipou o homem com nadadeiras, mas, com sua capacidade criativa e com os dispositivos da web ele consegue navegar com nadadeiras virtuais, acessando e lapidando as páginas da web em busca do novo, do inédito, para compartilhar em suas redes sociais. Esses comportamentos ocorrem até mesmo em lugares remotos do planeta que possuem conectividade com a internet.

No universo da cibercultura, a internet tem potencial para a democratização do acesso aos conhecimentos, mas o que as pessoas buscam na web enquanto navegam, o que a web oferece em termos de recursos para a aprendizagem e o desenvolvimento humano?

No entroncamento dos temas acesso, democratização do conhecimento, aprendizagem e desenvolvimento humano foram construídas distintas visões conceituais e polarizações, advindas das áreas da psicologia, educação, ciências sociais e políticas, etc. Vários grupos de pesquisadores ou atores sociais apresentam um conjunto de visões distintas otimistas, ou opositivas ou céticas. Pretendemos dar

uma visão geral, resgatando alguns eventos históricos da década de 1990 sobre debates e problematizações, para ampliarmos a reflexão sobre a democratização do acesso ao conhecimento, uso das mídias sociais nos processos de aprendizagem e desenvolvimento no ensino superior na atualidade.

Em 1998, a revista *International Journal of Press/Politics*, apresentou no Editorial uma discussão sobre o processo de democratização do conhecimento em que destacou o fenômeno da adesão de milhões de cidadãos ao uso das mídias sociais (NORRIS; JONES, 1998). Parafraseando os autores Nicholas Negroponte (1995) e Michael Dertouzos (1997), o editorial trouxe o tema democracia virtual como um fenômeno produzido pela web que se expande, propiciando as mesmas oportunidades de acesso a todos, comparando a web a uma cornucópia de capacitação informal. Destacou os resultados da pesquisa tipo survey de *Pew Research Center for the People and the Press* (1995) sobre o que as pessoas fazem ao clicar nos sites e páginas web na sociedade norte-americana. Os resultados apontaram quatro tipos de usuários das mídias sociais. O primeiro grupo foi o de pesquisadores que utilizam a web para buscar temas do seu trabalho e promover intercâmbios com os colegas e outras instituições. O segundo, o grupo de consumidores domésticos, que navega na web para descobrir soluções, viajar, passatempo, filmes, seleção de locais para conhecer. O terceiro grupo foi composto de pessoas interessadas em política e ativismo social, que buscam a participação em discussões *on-line* sobre política ou atividades políticas, temas sociais, movimentos sociais. O quarto grupo foi dos cidadãos interessados em jogos para entretenimento.

Em artigo intitulado *Intellectuals, the New Public Spheres, and Techno-Politics*, Kellner (1998, n.p.) apresenta ideias críticas sobre o uso das tecnologias

É verdade, os computadores são uma tecnologia potencialmente democrática. Enquanto a comunicação de difusão tende a ser de mão única e unidirecional, a comunicação via computador é potencialmente bi, ou mesmo multidirecional. Os indivíduos podem usar os computadores para fazer o processamento de texto para se comunicar com outras pessoas, ou podem se comunicar diretamente com os outros, via modems que usam o telefone para ligar indivíduos uns com os outros. (KELLNER, 1998, n.p).

Kellner congrega o grupo de estudiosos da teoria-crítica da educação que se preocupa em desvelar a crença na suposta noção de neutralidade da tecnologia. No artigo de 1998 argumenta que a noção de sociedade da informação traz nova ideologia dominante advinda do tecnocapitalismo. O tecnocapitalismo representa a articulação do capital e da tecnologia para produzir novas formas de cultura, sociedade e cotidiano. Ao estudar as interpretações dadas ao uso das tecnologias, o autor argumenta que há duas posições sobre a condição tecnológica: o discurso da tecnofilia, que apresenta as novas tecnologias como a salvação para a humanidade, ou o discurso tecnofóbico, que demoniza a tecnologia como a principal fonte de todos os problemas. O autor apresenta uma resposta para a questão da dominação ou democratização, argumentando sobre a importância de não se ver a tecnologia por si como um recurso para a democratização, mas, por outro lado, compreende que, se usada a serviço do cidadão, poderá ser um meio para a criação de uma sociedade mais igualitária, com capacidade de formar os indivíduos e grupos que estão atualmente sem acesso ao poder.

Decorridos nove anos, outro marco foi a publicação da manchete da revista *Times* no final do ano 2006 que também alertou para uma reconfiguração social a partir do uso da internet e seus aplicativos. O editor da revista, Grossman (2006), descreve que está em curso uma nova forma de constituição da história da humanidade caracterizada por uma polifonia e ação coletiva, não somente focada nos episódios de conflitos internacionais e da ação de grandes homens, mas constituída por histórias que refletem a criação e participação intensa dos cidadãos produtores de conteúdos web em larga escala. Ressaltou que, entre as mídias sociais mais acessadas (na época), encontra-se o compêndio cósmico de conhecimento *Wikipedia* e a rede de milhões de canais do *YouTube* e do *MySpace*.

Para os pesquisadores da área da sociologia, Hogan e Zivkovic (2005) o uso das redes sociais tem promovido a inclusão e ampliação da participação social no desenvolvimento econômico e na gestão dos serviços públicos. Para eles, também é uma forma de democratização do acesso à informação. Esses estudiosos pertencem a uma rede de pesquisadores da comunidade europeia intitulada *Odyssey Group*. O grupo defende uma ampla gama de ações decorrente do uso da web:

- Dispor de um espaço comunicativo para a multiplicação de vozes de uma forma que não pode ser conseguida ao mesmo tempo e em um mesmo espaço físico.
- Promover a mobilização, inclusão social e ampliação da participação da população no desenvolvimento econômico e na gestão dos serviços públicos.
- Dar visibilidade para as causas sociais, de cunho político e ideológico.
- Dispor de uma ferramenta de baixo custo e caráter redistributivo fora do sistema oficial: as mídias provêm meios de acesso, construção e transmissão de informações para atores fora das estruturas oficiais, formais.

A pesquisa empírica explorou o papel que as formas de comunicação e organização da web podem desempenhar na renovação sindical da categoria de bombeiros no Reino Unido. Para esses autores, o controle exercido no serviço público (fluxo de informações, acesso restrito ao conhecimento, domínio de especialistas, entre outros) é desafiado pelo discurso distribuído na web, que está no cerne da organização da era da informação. O discurso construído nas redes sociais tem o potencial de superar os entraves da comunicação oficial, potencializando novas construções semânticas e novas interpretações dos fatos, a partir de visões e perspectivas que se embatem, enfrentam e sobrevivem à web.

Os autores Hogan e Zivkovic (2005) destacam o potencial das redes sociais para a promoção da democracia participativa e para a superação das tendências à inércia burocrática das organizações pela via da participação não burocratizada, mais aberta à sociedade. Nessa perspectiva, a web é um meio, uma ponte, para a democratização do acesso à informação e, conseqüentemente, para fomentar novas práticas sociais e culturais de democracia da participação do cidadão nas organizações.

Webster (2006), ao analisar as conseqüências do uso da internet para a participação política, como por exemplo, navegação em *blogs* do governo, realização de plebiscitos *on-line*, informações *on-line* e no *Twitter*, demonstrou preocupação com a visão ingênua da democracia como um brinde/presente potencial das tecnologias. Para o

autor, democratizar não é somente ter acesso, mas ascender a novas formas de gestão democrática. Ele critica a visão da democracia como uma cortesia das tecnologias. Segundo ele, não há essa transferência imediata de um meio para outro, ou seja, a comunicação via computador ampliou imensamente as possibilidades de participação, mas isso, por si só, não garante mais democracia. A democracia é um processo longo e complexo e virá como resultado de vários fatores e não somente das ferramentas midiáticas.

Na perspectiva da psicologia da aprendizagem socioconstrutivista, compreende-se que democratizar o conhecimento por meio das TIC pode ser tomado por uma imperfeição conceitual. A epistemologia do conhecimento tem por princípio que ele é construído no embate de ideias, nas trocas significativas e, portanto, é necessário propiciar as condições de coconstrução e criar uma cultura da autonomia do estudante (RAMOS; SILVA, 2012). Democratizar o acesso é somente uma das condições para a aprendizagem. No âmbito do ensino superior, essas considerações levam a pensar nos desafios do uso da web, para além de um meio de distribuição de conhecimento ou de acesso amplo e desterritorializado, mas, de fato, como ferramenta mediadora para a coconstrução de conhecimentos.

Pode-se considerar que, em uma perspectiva de gestores educacionais e educadores, a web social pode assegurar o acesso, possibilitando novas formas de estudos e investigação e preparando os estudantes para participar em grupos ou redes de pesquisa, onde o conhecimento é construído e compartilhado coletivamente (ZAPATA-ROS, 2014).

O estudante universitário do século XXI: novas potencialidades para a aprendizagem

Ser estudante do século XXI tem vários desafios impostos pela natureza intrínseca da Sociedade da Informação e da Sociedade da Comunicação: o fluxo de informação é abundante e, às vezes, pode ser nefasto, mais confundindo e distraíndo os aprendizes do que os auxiliando na construção de novos saberes.

Essa realidade tem se constituído num grande desafio aos docentes. Coutinho e Lisbôa (2011) dão pistas de novos modos de ação que requerem a intervenção docente, em especial, que se “estabeleçam critérios para organizar e selecionar as informações, e não simplesmente ser influenciado e ‘moldado’ pelos constantes fluxos informativos disponíveis”. (COUTINHO; LISBÔA, 2011, p. 10).

Fazer parte desse início de século XXI implica em (re) aprender modos de conhecer e modos de fazer permeados pela cibercultura. Os modos de ser e de conviver com o outro também têm demandado uma (re) aprendizagem, visto que as relações sociais estão cada vez mais mediadas pela tecnologia. Rossato (2014) destaca que o desafio de aprender a aprender foi reconhecido pela primeira vez no relatório Delors (2003), e tem sido complexificado à medida que a tecnologia evolui a cada ano. A partir daí “a dinâmica da sociedade da informação requer educação continuada ao longo da vida, que permita ao indivíduo não apenas acompanhar as mudanças tecnológicas, mas, sobretudo, inovar” (TAKAHASHI, 2000, p. 7).

Outro desafio para as pessoas em geral, que persiste de forma mais intensa na era da internet, é o desenvolvimento de competências cognitivas necessárias para

transcender do pensamento superficial e elementar para alcançar o pensamento crítico. Para Jonassen (2007, p. 40 apud COUTINHO; LISBÔA, 2011, p. 10) o pensamento crítico “envolve a reorganização dinâmica do conhecimento de formas significativas e utilizáveis” por meio de “três competências gerais: avaliar, analisar e relacionar”.

Coutinho e Lisbôa (2011) apontaram expectativas que os estudantes sejam transformadores, críticos, reflexivos, que saibam navegar na internet, buscar informações com qualidade, transformando-as em saberes, desenvolvendo competências e habilidades fundamentais para a atuação cidadã, com responsabilidade social, atitudes e comportamentos baseados na ética.

Para Coutinho e Lisbôa (2011, p. 10), a inovação no processo educacional está pautada pelas “inúmeras possibilidades de propiciar aos utilizadores da rede global a construção dos seus conhecimentos por meio de processos informais, através da conectividade e dos constantes feixes de interações entre as pessoas”. Essa conectividade entre as pessoas, “cujo principal veículo continua sendo a palavra escrita embora não seja mais impressa” (POZO, 2004, on-line apud COUTINHO; LISBÔA, 2011, p. 10), tem tomado proporções até então desconhecidas pela sociedade, desafiando os modos de concepção e funcionamento das instituições modernas.

Carr (2011) critica severamente o uso intensivo da internet, argumentando que esse hábito tem tornado as pessoas mais lentas e superficiais na compreensão das mensagens hipertextuais, desencadeando, inclusive, outros processos prejudiciais à própria saúde. Portanto, acompanhar o processo de produção de conhecimento e se manter conectado sem se distrair, mantendo o autocontrole das formas de navegação, serão marcas diferenciais dos estudantes que terão sucesso neste início de século.

Para Coll e Illera (2010) pensar o perfil do estudante do século XXI é considerar a alfabetização digital como algo necessário para seu desempenho acadêmico. Esses autores lembram que há diferentes níveis de alfabetização digital, como níveis mais operacionais ou ferramentais até o uso social, que resulta em práticas sociais e culturais de convívio e aprendizagem que podem potencializar a participação na construção de verdadeiras comunidades de aprendizagem.

As Universidades reconfiguram o tempo e espaço de aprendizagem orientando-se pelas possibilidades da internet, que oferecem interações *on-line* nos ambientes virtuais de aprendizagem, mediadas por tutores e professores que estão distantes fisicamente dos estudantes. Essa reorganização impõe novas noções de temporalidade e espacialidade, transgredindo o conceito de “território do domínio e propriedade dos saberes na sala de aula” pelo professor criando uma “noção de desterritorialidade” pelo estudante. Nesse ambiente de aprendizado os estudantes assumem uma identidade virtual, marcada pela ausência do contato físico do ensino presencial, e imprimem a sua marca tornando-se presentes no sentido social, cognitivo e docente dos fazeres *on-line* (GARRISON; ANDERSON, 2003). Neste sentido, a interação estabelecida nos ambientes virtuais de aprendizagem, como os fóruns, não se dá pela verticalidade hierarquizada dos saberes, onde quem se pressupõe saber mais (docente) impõe o conhecimento a quem sabe menos (discente), mas sim, ocorre pela participação e contribuição na rede semântica de construção de significados e negociação de sentidos, mediadas pelas diferentes linguagens usadas na web.

Para Tiffin e Rajasingham (2007), a construção da aprendizagem ocorre em ambientes globais de informação que nos trazem um sentido de consciência global:

Estamos todos inextricavelmente interconectados em um ambiente global de informações que nos traz uma consciência global e, com ela uma responsabilidade global por um desenvolvimento sustentável, pela busca de soluções para a poluição, a pobreza, as pandemias e as mudanças climáticas, assim, como pela aprendizagem de como viver juntos. (TIFFIN; RAJASINGHAM, 2007, p. 25).

Neste contexto, a aprendizagem e o uso social das tecnologias digitais podem impactar diretamente no desenvolvimento pessoal, social e profissional, resultante da leitura e compreensão global da realidade. Os estudos sobre o perfil do estudante da educação a distância (BUNN, 2004; MERCADO, 2007) demonstram que o domínio das TIC pode gerar acesso rápido e seguro para o estudante e a ausência do domínio pode resultar em entendimento vago e confuso de como entrar em contato e pedir ajuda, podendo, inclusive, os alunos com dificuldades de acesso a recursos *on-line* tornarem-se frustrados com o curso, obterem baixo rendimento e decidirem evadir. Em geral, as atividades *on-line* exigem além de conhecimento de computação outras habilidades de busca na web, como o acesso a bibliotecas virtuais, o que pode ser bastante desgastantes para alguns estudantes.

Reconhecendo que ser um estudante *on-line* exige um conjunto de habilidades e competências de domínio das TIC, além de outras, o estudo realizado pelo grupo Psicologia Escolar e Desenvolvimento e o uso das TIC, PED/TIC (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2014) teve por objetivo identificar o perfil de usuários da internet dos cursos de graduação a distância nas áreas de Artes Visuais, Teatro e Música e correlacionar com o rendimento acadêmico. O grupo teve como hipótese: os usuários que dominam a internet e fazem uso da ubiquidade digital apresentam melhor rendimento acadêmico.

Na pesquisa, usou o conceito de Coll e Illera (2010) sobre a alfabetização digital. Para os autores, o alfabeto digital possui domínio de sistemas informáticos, sistema operacional, uso da internet (navegação), uso de programas básicos, atitudes de pró-atividades, abertas e de responsabilidades e está diretamente relacionado à questão da ubiquidade digital. A ubiquidade digital se refere à onipresença possibilitada pelo uso e imersão no mundo das tecnologias, e, por isso, expressa a incorporação progressiva das tecnologias da informação e comunicação a todos os âmbitos da vida (banco *on-line*, relacionamentos, compras em geral, etc.). A ubiquidade digital confere a posição central e sem precedentes que a tecnologia digital tem ocupado na vida das pessoas se naturalizando como mais um artefato cultural e social (COLL; MONEREO, 2010).

Os resultados da pesquisa do grupo PED/TIC demonstraram que o domínio de atividades realizadas na internet e o uso ubíquo da internet prevaleceu no grupo de estudantes de baixo rendimento, contrariando os resultados de vários autores (MORISANO et al., 2010; OSBORN, 2001; DUPIN-BRYANT, 2004) que atrelam o domínio da tecnologia ao sucesso e a permanência em cursos *on-line*.

Essa dissonância de achados levou o grupo PED/TIC a produzir alguns questionamentos sobre os motivos que levaram aqueles que mais dominam o uso da internet e das mídias sociais a não reverterem esse tipo de alfabetização para o rendimento acadêmico. Uma das suposições levantadas diz respeito à possibilidade de os estudantes alfabetos ubíquos digitais, estarem se desconcentrando, se dispersando dos objetivos acadêmicos, usando o tempo e a energia em outros tipos de interação na web. Outra suposição é de que a maioria desse grupo de estudantes era composta

por usuários da internet mais ativos do que os professores que planejaram os cursos. Os docentes do ensino a distância estão em fase de transição da modalidade presencial para modalidade educação *on-line* e, por isso, ainda usam estratégias de ensino e aprendizagem baseadas na presencialidade de ambos. A não presencialidade pressupõe mais autonomia, menos controle, mais responsabilidade de ambas as partes, docentes e discentes. Isso não significa acabar com a formalidade necessária para a formação profissional, mas reconhecer que os estudantes têm a possibilidade de encontrar e de aprender muito além do que está no currículo formal. As didáticas aplicadas nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) ainda não atendem efetivamente as novas demandas de ensino e impõem desafios aos docentes e discentes.

O fato dos estudantes que tiveram maior domínio de uso da internet obterem rendimento inferior gera um grande alerta para os educadores e gestores de cursos *on-line* sobre a subutilização que estamos fazendo das potencialidades de aprendizagem social dos estudantes a partir das conexões com as mídias sociais.

A reconfiguração social no ensino superior no século XXI

A globalização dos recursos culturais tem universalizado formas de conduta, modificando funções psicológicas e edificando novos níveis de comportamento humano (VIGOTSKI, 1995). Tapscott (2010) destaca que essa geração que nasceu e cresceu num ambiente digital desenvolveu outros modos de pensar, agir, interagir. O foco na aprendizagem tradicional – acúmulo de informações que precisam ser repetidas, controle do professor, disciplinarização do conhecimento, que ainda permeia as atividades dos AVA, precisa ser superado. O paradigma que rege a aprendizagem nos AVA não pode ser o mesmo do ensino presencial tradicional.

Há muitas tensões sobre esse tema e alguns autores afirmam que as mídias sociais existem para romper ou substituir as universidades (SELWYN, 2008). Acreditamos que temos que ter cautela com radicalismos dessa natureza, principalmente ao se tratar de formação profissional, pois a internet, justamente por ser um espaço livre e democrático, apresenta experiências livres e visões unilaterais que podem comprometer a formação das futuras gerações.

O estudante de um curso superior *on-line* vivencia uma série de atividades desafiantes que extrapolam a questão do domínio das TIC. Por outro lado, a necessidade de inovar impõe exigências e desafios ao sistema educativo e especialmente aos professores.

Os estudos apresentados sobre democratização e a discussão sobre o potencial de aprender do estudante do século XXI revelam a urgência de problematizarmos a ação docente no ensino superior:

- Como é possível articular o uso das mídias sociais às comunidades de aprendizagem, tornando o ensino uma unidade mobilizadora e problematizadora?
- Como usar o potencial de aprender dos estudantes, por meio de atividades teórico-práticas, articulando os conhecimentos científicos para a busca de soluções para os problemas sociais, tecnológicos e econômicos das sociedades?
- Como integrar às estratégias de ensino o uso dos recursos disponíveis na web (bibliotecas, museus, acervos culturais, etc.)?

As mídias sociais têm potencial para organizar contextos formativos nos quais os estudantes possam ser coprodutores ativos do conhecimento, mais do que consumidores passivos de conteúdo, impactando numa aprendizagem mais participativa; um processo social de apoio às metas e necessidades da vida pessoal (ZAPATA-ROS, 2014)

A partir dessas questões, apresentamos algumas proposições de mudança e inovação nas práticas docentes:

- Desenvolvimento de estratégias de comunicação e interação. Na primeira parte sobre democratização do conhecimento, vimos o impacto significativo dos meios de comunicação social na distribuição de informação, transformação, recriação e observamos o potencial das mídias para possibilitar novos desafios para a comunidade. Isso requer que os educadores e educandos tenham atividades orientadas para o desenvolvimento de habilidades de comunicação avançadas tomando por base a análise crítica dos diálogos e formas de interação apresentadas nas mídias sociais.
- Promoção de experiências de estudantes e docentes como habitantes das mídias sociais. Promover atividades em que docentes e discentes frequentem as comunidades virtuais de conteúdos que congregam temas de suas pesquisas para compreender os níveis de conversação e interação propostos na web e para a vivência de relações de poder e de democracia na web.
- Convergência de mídias, favorecendo a aprendizagem formal e informal fomentada pelo uso dos celulares como recursos de busca em qualquer tempo e lugar (*mobile learning*). Isso requer o planejamento dos ambientes virtuais vinculados às mídias sociais como parte do processo de desenvolvimento humano e de socialização em comunidades abertas com amplo potencial para a vivência de outras formas de democracia e de aprendizagem.
- Desenho didático-pedagógico do ambiente virtual baseado na relevância social dos conteúdos. Isso requer que o planejamento das disciplinas/cursos *on-line* tenha sempre o foco na relevância social dos conteúdos para a formação profissional e acadêmica dos estudantes, fazendo uso das mídias sociais para integrar o currículo da formação com práticas sociais e soluções de problemas do mundo real.
- Exercício da democracia pelo diálogo aberto e em coconstrução. Isso requer gerar espaços de expressão aos estudantes, fomentar a polifonia, a solidariedade, a mobilização social como aspectos importantes da formação por meio das mídias sociais. A organização das atividades deve promover a participação ativa dos estudantes para que possam alcançar um senso de inclusão e realização.
- Adoção da premissa básica que o conhecimento é uma construção social e se dá na coletividade, no processo de significação e negociação de sentidos. Isso requer que o diálogo *on-line* seja ativo e profícuo entre professor-estudante, estudante-estudante e com outras comunidades abertas como forma de diminuição da distância transacional dentro de uma estrutura de estudo independente.

O desafio colocado propõe a criação de uma cultura universitária que busque formar profissionais que estejam atentos às questões globais e sociais mobilizadas pela internet. O ensino superior aposta na formação robusta que promova o atravessamento do senso comum, do cotidiano, da passagem do papel de meros transeuntes digitais para o papel de coconstrutores do conhecimento na cibercultura. Isso será possível com mudanças progressivas nas formas de ensinar no século XXI.

Considerações finais

As mídias sociais têm se constituído como ferramenta para a construção das relações sociais, implicando novas formas de aprendizagem e de democratização do acesso ao conhecimento. As reconfigurações sociais caminham em paralelo à democratização do acesso ao conhecimento e têm produzido efeitos incalculáveis. Entretanto, como vimos, o acesso ao conhecimento não basta em si mesmo: é preciso que esteja à serviço da aprendizagem e do desenvolvimento dos indivíduos, via práticas pedagógicas.

A educação formal, de modo especial no ensino superior, também é desafiada a produzir novos modos de ensinar, seja nos cursos presenciais ou em cursos a distância. A relação professor e aluno ultrapassa as barreiras físicas da sala de aula, e o acesso ao conhecimento tem sido cada vez mais distribuído via tecnologias da informação e comunicação, embora ainda não se configure uma realidade global, sem dúvida, merece ser amplamente discutida.

Compreendemos que a inovação no ensino superior presencial e a distância dependerá da instituição de novas crenças docentes, experiências e vivências oriundas da interação nas mídias sociais visando suscitar um novo olhar pedagógico convergindo às tecnologias do presencial com às do *on-line*, sem declinar do essencial de cada área de conhecimento.

No processo educativo, a ruptura do legado da escola tradicional e a instauração da abertura do *campus* de cimento e concreto para o *campus* virtual, favorecerá a integração da comunidade acadêmica a outras comunidades virtuais, abertas, para o exercício democrático de outras práticas e formas de comunicação docente.

Referências

- ALONSO, K. M. A expansão do ensino superior no Brasil e a EAD: dinâmicas e lugares. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p.1319-1335, out-dez. 2010.
- ARETIO, L. G. **La educación a Distancia y la UNED**. Madrid: UNED, 1996. Disponível em: <http://e-spacio.uned.es/fez/view.php?id=bibliuned:UNESCO-libros-educacion_a_distancia_hoy>. Acesso em: 29 set. 2014.
- BARBOSA, A. F. (coord.). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação no Brasil [livro eletrônico]**: TIC domicílios e empresas. Comitê Gestor da Internet no Brasil, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.cetic.br/noticia/tic-domicilios-indica-que-31-da-populacao-brasileira-usa-internet-pelo-telefone-celular/>>. Acesso em: 29 set. 2014.
- BUNN, J. Student persistence in a LIS distance education program. **Australian Academic Research Libraries**, v. 35, n. 3, p. 253-270, 2004.
- CARR, N. **A geração superficial**: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011, 312 p.
- COLL, C.; ILLERA, J. L. R. Alfabetização, novas alfabetizações e alfabetização digital: as TIC no currículo escolar. In: COLL, C., MONEREO, C. (Orgs.). **Psicologia da Educação Virtual**: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 289-310.

COLL, C.; MONEREO, C. Educação e aprendizagem no século XXI: novas ferramentas, novos cenários, novas finalidades. In: COLL, C.; MONEREO, C. (Orgs.). **Psicologia da Educação Virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2010, p.15-46.

COUTINHO, C.; LISBÔA, E. Sociedade da Informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para a educação no século XXI. **Revista de Educação**, Lisboa, vol. XVIII, nº 1, p. 5-22. 2011. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14854/1/Revista_Educa%C3%A7%C3%A3o_VolXVIII,n%C2%BA1_5-22.pdf>. Acesso em: 9 set. 2014

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2ed. São Paulo: Cortez, 2003, 43 p.

DERTOUZOS, M. **What will be: how the New Information Marketplace will change our lives**. San Francisco: Harper, 1997, 368 p.

DUPIN-BRYANT, P. A. Pre-entry variables related to retention in online distance education [electronic version]. **American Journal of Distance Education**, v. 18, n. 4, p. 199-206, Dec., 2004.

GARRISON, D. R.; ANDERSON, T. **E-Learning in the 21st century: a framework for research and practice**. London: Routledge/Falmer, 2003, 184 p.

GROSSMAN, L. You — Yes, You — Are TIME's Person of the Year. **Times**, EEUA, Dec. 25, 2006.

HOGAN, J.; ZIVKOVIC, A. **Space, communication and the daily exercise of solidarity: an exploration of distributed discourse in the cyber campaigns of firefighters in the UK**. Stockholm, Jul, 2005. Disponível em: <<http://esrap.geo.uni.lodz.pl/uploads/publications/abstracts/v13n1/John%20HOGAN,%20Andreja%20ZIVKOVIC.pdf/>>. Acesso em: 9 set. 2014.

JULIANI, D. P. et al. Utilização das redes sociais na educação: guia para o uso do Facebook em uma instituição de ensino superior. **RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação**, v. 10, nº 3, p. I-XI, dez., 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/36434/23529>>. Acesso em: 09 de maio de 2017.

KELLNER, D. Intellectuals, the New Public Spheres, and Techno-Politics, 1998, n.p. Disponível em: <<https://pages.gseis.ucla.edu/faculty/kellner/essays/intellectualsnewpublicspheres.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2014.

KELLNER, D.; SHARE, J. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n.104, p. 687-715, 2008.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999, 264 p.

MERCADO, L. P. Dificuldades na educação a distância online. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABED, 13. Curitiba. **Anais...** Curitiba: ABED, 2007, n.p. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/55200761718PM.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2014.

MORISANO, D. et al. Setting, Elaborating, and Reflecting on Personal Goals Improves Academic Performance. **Journal of Applied Psychology. American Psychological Association**, v. 95, n. 2, p. 255-264, 2010.

NEGROPONTE, N. **Being digital**. New York: Knopf, 1995, 255 p.

NORRIS, P.; JONES, D. Virtual democracy. **International Journal of Press/Politics**, vol. 3(2), p. 1-4, Marc. 1998.

OSBORN, V. Identifying at-risk students in videoconferencing and web based distance education. **American Journal of Distance Education**, v.15, n.1, p. 41-54, 2001.

PIMENTEL, N. A política nacional de educação a distância no Ensino Superior: elementos para um quadro de análises das relações com o ensino presencial. **Revista Gestão Universitária**, v. 3, n. 1, p.50-66, 2013.

RAMOS, W. M.; LAZARTE, L. Convergencia de educación presencial y a distância: Desafios de la Universidad Abierta de Brasil, el caso de la Universidad de Brasília. In: ICDE - INTERNATIONAL CONFERENCE ON DISTANCE EDUCATION, 2007, Toluca, México. **Anais...** Toluca: Instituto Tecnológico de Monterrey, 2007, s/np.

RAMOS, W. M.; MEDEIROS, L. A Universidade Aberta do Brasil: desafios da construção do ensino e aprendizagem em ambientes virtuais. In: SOUZA, A. S.; FIORENTINI, L.; RODRIGUES, M. A. (Org.). **Comunidade de trabalho e aprendizagem em rede (CTAR)**. 2ed. Brasília: Editora UnB, 2009, p. 3-260.

RAMOS, W. M.; SILVA, G. J. Análise dos contextos e práticas de uso dos ambientes virtuais de aprendizagem no ensino superior a distância: uma visão socioconstrutivista. In: TOMMASIELLO, et al. **Didática e práticas de ensino na realidade escolar contemporânea: constatações, análises e proposições**. 1ed. Araraquara: Junqueira e Marin Editores, v. 1, 2012, p. 144-155.

ROSSATO, M. A aprendizagem dos nativos digitais. In: MARTÍNEZ, A. M.; ALVAREZ, P. (Orgs.). **O sujeito que aprende: diálogos entre a psicanálise e o enfoque histórico-cultural**. Brasília: Liber Livro, 2014. p. 151-178.

SELWYN, N. O uso das TIC na educação e a promoção de inclusão social: uma perspectiva crítica do Reino Unido. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 29, n. 104, p. 815-850, out. 2008.

SELWYN, N. Social media in higher education. In: THE EUROPA WORLD OF LEARNING 2012. **Anais...** Routledge, 2011. Disponível em: <<http://www.educationarena.com/pdf/sample/sample-essay-selwyn.pdf>>. Acesso em: 15 de out. 2014.

SUTER, V.; ALEXANDER, B.; KAPLAN, P. Social software and the future of conferences now. In: EDUCAUSE, 2005, Florida. **Anais...** Florida: Educause, 2005, p.47-59. Disponível em <<https://www.educause.edu/ir/library/pdf/erm0513.pdf>> Acesso em: 10 de set de 2006.

TAKAHASHI, T. (Org.). **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000, 195 p.

TAPSCOTT, D. **A hora da geração digital**. Como os jovens que cresceram usando internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010, 448 p.

TIFFIN, J.; RAJASINGAM, L. **A Universidade virtual e global**. Porto Alegre: Artmed, 2007, 216 p.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Instituto de Psicologia. **Estudo sobre os processos de ensino e aprendizagem online e os fatores que impactam na permanência e evasão dos estudantes em disciplinas dos cursos de licenciatura em Artes Visuais, Teatro e Música da UAB/UnB**. Relatório da pesquisa. Brasília, 2014, 20 p.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. Problemas del desarrollo de la psique. Tomo III. Madrid: Visor Distribuciones, 1995, 512 p.

WEBSTER, F. **Theories of the information society**. 3ª ed. Nova York: Routledge, 2006, 314. p. Disponível em <<http://cryptome.org/2013/01/aaron-swartz/Information-Society-theories.pdf>>. Acesso em: 15 ago. de 2014.

ZAPATA-ROS, M. Gestión del aprendizaje en educación superior y web social. **Revista de Educación a Distancia**, n. 42, Sep. 2014. Disponível em: <<http://www.um.es/ead/red/42>>. Acesso em: 15 out. 2014.